

# DESPERTAR!

Domingos Ferreira

DIRECTOR E PROPRIETARIO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

Campo D. Manoel II, n.º 18-1.º — BARCELLOS

Assignaturas:—cada serie de seis numeros 120 réis.  
Para fóra de Barcellos accresce o porte do correio.

MUNICIPIO DE BARCELLO  
BIBLIOTECA

COMPOSTO E IMPRESSO NA TYP. MINEIRA-FANALICÃO

N.º 16—Julho de 1910—2.º Anno

## Precisamos de uma transformação social; façamo-la, cidadãos!!

Moldes novos, programmas novos, novos ideaes, isso é o que nos falta!

Procuramos o povo e digamos-lhe: «Trabalhador assalariado, de cujo trabalho vivem o Estado, o rico, o cura, o soldado e o juiz, roubando-te as duas terças partes do producto que é teu na totalidade; vamos concluir com tudo isto; queremos que todos trabalhem, para que todos produzam e ninguém seja mandrião, vivendo á custa de outro. Trabalhadores: somos como tu; não nos basta a igualdade predicada por Cristo; nem a politica da revolução franceza. Precisamos de uma transformação social; façamo-la, pois.

E se falta um governo seja-o a Republica, tão liberal e radical quanto possivel, mas em cuja bandeira se escreva este lemma:

*Luctaremos até conseguir que os homens não necessitem de leis, nem de governos, nem de Deus, nem de senhores!»*

ALEJANDRO LERROUX.

### O partido republicano

Os significativos factos dos ultimos tempos, sufficientes para incompatibilisarem o regimen e os seus serventuarios com os homens honestos e dignos, fazem-nos pensar um pouco no papel historico do partido republicano cuja orientação começamos a não comprehender. De incomprehensivel reputamo-la tambem algum tanto pernicioso e malefico.

O progresso da patria e a necessaria melhoria dos membros da grande familia portugueza é, segundo crêmos e temos lido, o principal objectivo dos dirigentes republicanos. A tão elevado fim andam naturalmente ligadas duas funcções—*destruidora ou de evolução, edificadora ou de revolução*. A primeira evidentemente antecederá a outra mas, para produzir os devidos resultados, deverá ser sempre orientada no sentido de provocar a segunda. Do contrario seria uma obra essencialmente nefasta, destruindo, arrazando, sem outro intuito que não o de semear a discordia e lançar a desconfiança em todos os espiritos.

E' a este bem triste e desolador espectáculo que estamos assistindo.

Porque esperam os republicanos portuguezes?

Não o sabemos mas mesmo que o soubessemos reputaria-

mos incompreensíveis as razões justificativas. E affirmamo-lo, desconhecendo mesmo os verdadeiros motivos, porque achamos completamente finalizada a função evolutiva que, diga-se de passagem, tão intelligentemente souberam emprender.

O regimen já está sufficientemente escarpado, tem bem a nú as multiplas podridões que constituem os feitos historicos dos partidos governantes.

Todos conhecem as *preclaras virtudes* dos estadistas e homens publicos portuguezes.

*Adiantamentos, desfalques do Credito Predial, negocio Hinton* são acontecimentos banalissimos para todo o povo, sómente por d'elles aproveitarem os grandes magnates da politica portugueza.

Tudo isto é o normal, o *modus vivendi* que *politicos de profissão* exaltam com lamechas hossanas e ridiculos louvoresmas que é a causa motriz dos inqualificaveis males que tanto affligem e asoberbam as laboriosas classes sociaes.

O mal é bem conhecido, evidentes tambem os seus perniciosos effeitos, torna-se necessario, portanto, espurga-lo do seio da sociedade, construindo pela Revolução o que a experiencia aponta como util meio para o pleno triumpho da Verdade.

Precisamente semelhante operação tem descurado o partido republicano na lamentavel

evidencia d'uma intransigente heterogeneidade de vistas.

Util anathemizando o existente; malefico atrazando o cumprimento do indeclinavel dever que legitima, no actual momento historico, a sua razão de existencia.

Porque esperam os republicanos?

Pelo cahos, pela natural queda do inadmissivel e immoral regimen?

Seria transformarem se de modestos obreiros da civilização e desinteressados propugnadores do bem da patria em damnhinhos e inconsistentes destruidores.

Seria a negação absoluta d'um honroso passado para ser a confirmação insophismavel de attribuidas intensões, suppostas por uns e reputadas columniosas pelos apostolos da ideia.

A hora já soou e a nação precisa de quem de prompto lhe accuda.

### Carapuças

XV

Embarcado, a cavallo e a pé é sempre... o deus milhão sem dinheiro.

*Em prova do contrario nada quer provar*, o que prova que não sabe o que diz.

Os ares importantes que mostra *não provam coisa nenhuma*, pois quem com elle trate *vê provado o contrario*.

### Como se ganha o ceu

Quando o padre Mattos parochlava no Alemtejo—e com o vinho não lavrava o registo parochial—perguntou-lhe um dos seus fregueses a razão por que bebla tanto.

—Ora essa—retroceu o padre—porque quero ir para o ceu!

—Não percebo! disse o outro com sincero espanto.

—Pois a colsa é bem simples. O bom vinho faz o bom sangue, o bom sangue produz o bom humor, o bom humor inspira as boas ideias, das boas ideias nascem as boas obras, as boas obras levam o homem ao ceu, de sorte que, para ir direitinho ao paraiso, nada ha como a boa pinga.

Que cynico, este ex-borracho!

(De *A Lanterna* n.º 2 (42) de 18 de junho de 1910).

Agora é que nós sabemos porque é que os abbades bebem tanto.

Multos conhecemos que devem ter o ceu garantido; mas um, especialmente, já deve estar habilitado a passar o ceu para cima.

Transformem as egrejas em tabernas e o Inferno terá que fechar as portas.

E ainda ha quem queira mal ao padre Mattos...!

E ainda ha quem reze para alcançar o ceu...!

# A FITA

PERSONAGENS (Scena comico-funebre vaidosa)

Antonio da Horta, Joaquim Bacêllo, Alguns lavradores. Varios comparsas representando uma confraria.

(A acção passa-se numa freguezia do concelho de Barcellos)  
(O Scenario representa uma igreja de aldeia).

ANTONIO DA HORTA

Peço perdão, senhor official,  
A fita quem n'a leva é o provedor!

JOAQUIM BACÊLLO

Deu-m'a a familia junto ao seu portal;  
Mas se a quer, tome-a lá, senhor!

ANTONIO DA HORTA

Devia já saber que onde eu chegar  
Com este meu rebanho...

UM LAVRADOR (fazendo gesto para puzar do pan)

Aqui o sôr Bacêllo, quando não... Ha-de-a—levar

JOAQUIM BACÊLLO

Esperem, meus senhor's tenham lá mão...

A CONFRARIA

A fita é para nós. O' sôr Mendanhá  
Encaixe-a você, faça favor!

OS LAVRADORES

A zaragata aqui vae ser tamanha...

ANTONIO DA HORTA (com arrogancia)

A fita levo-a eu. Sou sup'rior!

JOAQUIM BACÊLLO (para os lavradores)

Soceguem, deixem lá...  
(Para Antonio da Horta) Leve, leve!

OS LAVRADORES (a Joaquim Bacêllo)

Se não ha já paucada, a si se deve!

UM LAVRADOR (já velho, de braços cruzados, em mangas de camisa)

Deixae, deixae rapazes! Não ha volta!  
Onde a vaidade entrar, dae-lhe largueza;  
E' como a minha burra ao ver-se solta  
Ao cabo de tres dias de estar presa!

(Por entre gargalhadas, os circunstantes correm a abraça-lo).

(Cae o panuo)

## Historias Leves

IV

### Conto Immoral p'ras meninas catholicas

Attentae um pouco nessas desventuradas que só após o desaparecimento do sol, como se receassem que a negrura do seu viver fosse ofuscar os brilhantes fulgores d'esse radioso astro, começam a cruzar as ruas dos grandes centros, distribuindo prodigamente sorrisos por todos que julgam poder ser um freguez, a todo o instante olhando para traz a vêr se tem a felicidade de serem seguidas por algum provocado que lhes

vá remunerar os seus aviltantes serviços com o preciso para o pão do dia seguinte e—á espera que alguém se lhe dirija—parando de vez em quando, cautelosa e prudentemente, no escuro das esquinas ou d'algum klosque mal illuminado, não vão correr o risco de serem vistas por algum policia que as faça soffrer o vexame de uma prisão e lhes vá ainda extorquir uns magros tostões de multa, multa que para ellas representa muitas vezes a fome de alguns dias.

São as vendedoras ambulantes do amor, as infelizes predestinadas a transformarem o seu corpo num mercado de prazer; em summa—são as horlontas.

Escravas do seu temperamento umas vezes; da educação outras.

Mas — suggestionadas pelo exemplo ou influenciadas pelo meio—são sempre as victimas dos crimes de uma sociedade malevola e egolsta e da perversidade de homens que talvez por dedicarem todas as suas crenças ás doutrinas da sua religião, não pôdem já crer na nobreza, na sublimidade do coração de uma mulher; e que, por perderem demastado tempo no culto do seu idolo, não dispõem já de uns breves momentos para pensarem na *bagatela* da honra de uma mulher, na *insignificancia* da felicidade d'esse ente, que constitue a suprema ventura de todo o homem que o sabe adorar e comprehender.

E' d'uma d'essas infortunadas, cuja vida, quasi sempre encerra em si uma santa epopela de abnegação, de amor e, sobretudo, de soffrimento a historia singela de que vou occupar-me.

Não experimentastes ainda, numa d'essas encantadoras noites de agosto, em que a luz, inundando a terra da sua luz prateada, parece inundar nos tambem a alma de uma melancolla inexplicavel, que nos faz pensar mais nas misérias d'esta vida—um desejo insaciavel de passear, de percorrer muitas ruas, de vos embrenhar numa alameda, num bosque sombrio, onde encontrelis um socego compativel com as vossas meditações?

Não sentis, então, uns assomos de revolta pelas flagrantes desigualdades d'este mundo, uma grande plidade pelos infortunios dos desgraçados, uma sincera, ardente vontade de suavisar todas as desditas, de remediar todos os males?

Pois foi numa d'essas lindas noites que eu a encontrei e lhe ouvi a narração simples, mas impregnada de uma triste amargura, da sua queda naquella abyssmo em que ora se debatia.

Fatigado excessivamente pelo desordenado e continuo vaguear de algumas horas por quantas ruas tinha a pequena cidade, deixei-me cahir extenuado num banco da avenida—o primelro com que deparei.

Como um misero vagabundo, triste paria sem pousada, alli passel tempo esquecido, ora entregue a uma leve somnolencia, ora contemplando as rutilantes estrelas que fulguravam na immensidão do espaço e que davam á serenidade da noite um aspecto de imponencia, de grandiosidade, que deslumbravam.

Resolvido a retirar-me, preparava-me para me levantar, quando uma mulher se aproximou, vindo sentar-se ao meu lado.

Era sympathica e de apparencia modesta e, comquanto tivesse já a estampar-se no rosto o estygma de uma madureza precoce, descobria-se lhe ainda uns traços de belleza, que o soffrimento, ou quem sabe se até a fome, la apagando.

—Boa noite—cumprimentou.

—Bons dias—respondi. Olha que não tarda a romper a madrugada. Aquelle clarão, lá ao fundo, no horisonte, parece annunciar-nos o apparecimento proximo do sol.

— Parece que sim.

Calou-se e, como eu tambem nada dissesse, volveu passados momentos:

—Vou-me embora,

—Ainda não dormiste?

—Não; a senhoria não me deixa entrar á noite para o quarto, sem que lhe pague o preço de cada dia, ou vá acompanhada de freguez que ella veja que paga. Diz que é para não avolumar a conta. Quasi sempre apparece quem la vá commigo; dá-me alguma coisa e eu dou então os quatro vintens á patroa. Mas hoje andel com azar... não arranjel ninguem.

E la dizendo isto com uma grand indifferença; as palavras sahlam-lhe pausadas, com uma frieza tal que pareciam gelar-lhe os labios.

E eu la-a ouvindo, com uma grande tristeza a invadir-me a alma, o coração oppresso por uma indizível magua, sincera lastima por aquella mulher, que, de tanto padecer, já nem sabia o que era a dôr.

Queres vir commigo?

Hesitei; repugnava-me contribuir por qualquer fórma para a corrupção de quem tem destinada pela Natureza uma tão nobre missão na vida, como a de educadora de gerações futuras e companheira carinhosa do homem.

Mas, impellido por uma força intima, por um desejo intenso de conhecer mais de perto toda aquella odysseia de infortunios, fui.

Seguimos avenida fóra, silenciosos, como que querendo adivinhar os pensamentos um do outro.

—Por aqui,—e levou-me por uma viella tortuosa, acanhada, muito estreita, em que as casas, velhas, quasi a desmoronar-se, pareciam inclinar-se sobre as que lhes ficavam fronteiras.

Chegada a meo da rua, parou e bateu a uma porta; logo

uma voz inquiriu de dentro quem era.

—Póde abrir.

E ouviu-se, a seguir, um palvrear roufenho, talvez a praguejar, por a arrancarem do seu descanso.

—Aberta a porta, não cessaram as increpações:

—Arre, que estavas capaz de não vir esta noite. Longe vá o agouro, mas assim me eu não salve se não me tinha já lembrado que tu fizeras alguma tolce e a pollicia te tivesse delatado o gancho.

E, reparando em mim, mais condescendente:

—Ora ainda bem, que parece não vires muito mal acompanhada. Também só faltava que me apparecesses, a esta hora, com algum *peneira*, como o cadete que hontem trouxeste e que chegou ao fim te deu seis vintens...

Emquanto a velha megera la dando largas á sua loquacidade, fomos subindo por umas escadas muito apertadas e ingremes, que nos levaram a um quarto, para onde entramos.

Mais que modesta a sua mobilia: uma cama de ferro, larga e baixa, duas ou tres cadeiras de pinho, uma caixa e uma mesa tosca, com alguns pobres objectos de toilette; pela parede, divisava-se por entre a luz morticia e tremula da vela, um ou outro quadro barato, emmoldurado em sobreiro, dols vasos com plantas votadas já ao mais completo abandono.

—Já vives aqui ha muito tempo? perguntel, para romper com aquelle silencio quasi lugubre em que estavamos.

—Talvez ha dols annos. Mas cá na cidade já estou vae em quatro...

—Então não és d'aqui?

—Não... Vim de bem longe... Oito ou nove leguas e das estiradas. E calou-se de novo, como que evocando saudosos e mais venturosos tempos.

—Pensas talvez no tempo em que eras feliz!

—Feliz?... Não sei se já o fui algum dia... Menos infeliz, sem duvida.

E, momentos volvidos, como se tivesse acabado de tomar uma energica resolução, continuou.

—Olha; tu não te pareces com os outros que cá teem vindo... Não sei que te encontro... Affigura-se-me que has-de ter um coração differente, que has-de comprehender as maguas de quem padece... Já amaste? Vejo a resposta nessa nevoa de tristeza que te annuviou o semblante... E' que só esses, os que já sentiram em si um grande amor, sabem avallar o que é a vida de uma mulher perdida,

como eu... Queres ouvir a minha historia? E' a primeira vez que a vou contar... Quem sabe se esse desafogo me fará bem a este peso immenso, que sinto opprimir-me o peito, quando penso nestas coizas! Até aos doze annos, só me lembro de viver com todos os confortos que proporciona a abastança e os carinhos que se recebe de uma mãe e de um pae. Nessa idade, fui privada d'este, que partiu para o Brazil e comecei a sê-l'o logo tambem, a pouco e pouco, dos confortos que até então gosava. Crelo que foi um grande descalabro financeiro na nossa casa, que tal motivou. Passado pouco tempo, começamos a ser visitados muito a meúdo por um padre a quem meu pae tinha dispensado particular estíma e a quem a voz publica considerava o mais importante factor da ruina da nossa casa. A natureza das relações que elle mantinha com minha mãe, só a conheci quando, tres annos depois, ella morria de um aborto provocado... Oh! então chorei muito, como não tornarei jámais a chorar...

Interrompeu-se; o rosto, sempre de uma serenidade pasmosa, tinha-o banhado de lagrimas.

Nobres lagrimas, que por si só bastariam para remir um passado da maior ignominia!

—Imaginas—continua ella—que esse infame ficou já satisfeito com essas enormes catastrophes que me causou? Não; mais alguma me reservava. E essa foi superior a todas as outras... Eu tinha então quinze annos, talvez ainda incompletos. Como vêz, demasiado nova para conhecer quanta perversidade de se contem nalguns homens...

A experiencia do mundo pouco depunha em meu favor, como pódes calcular. Defeitos e erros da educação que nos é dada... Nós, as mulheres, em geral, emquanto não entramos na vida pratica, vivemos num mundo ideal, que a phantasia dos nossos educadores se encarrega de crear, e em que se concebem os homens como uns anjos de innocencia, excepção feita aos scelerados que aos nossos progenitores ouvimos, á sobremeza de um indigesto jantar, referir como tendo anavilhado ou roubado um qualquer seu pacífico semelhante, consoante as horripilantes cronicas das gazetas. Fóra d'isso, não nos deixam entrever a possibilidade de outra malvadez. Foi assim, desprevenida e em excesso ingenua, que o padre me encontrou, quando, no dia do funeral de minha mãe, me veio communicar a resolução que, na qualidade de sincero amigo

de meu pae, havia tomado de me levar para sua casa, de me tomar á sua protecção.

Acompanhei-o. Entrei para sua casa como uma pupila e realmente o fui perto de um anno. Porém, ao fim d'este espaço de tempo, quando já me habituava a ver nelle apenas um segundo pae... uma bem urdida cilada que me preparou lançou-me nos seus braços e de pupila transformou-me em sua amaia.

A vergonha por um lado, uns restos de gratidão por outro, imperaram de tal fórma no meu espirito fraco, que me levaram a manter-me nesta degradante situação mais de dols annos. Mas depois, como eu me queixasse de uns symptomas que altamente o embaraçaram, encarregou um creado de me vlr acompanhar até aqui á cidade, a consultar um medico, segundo dizia... O coração adivinhava-me já o que quer que fosse de funesto.

Não me enganei: o creado, depois de me conduzir a uma casa onde fui recebida como hospeda, não me tornou a apparecer e fui então prevenida de que allí teria de estar até ao fim da minha enfermidade, que devia durar ainda seis mezes, visto tê-la já ha tres. Fiquei attonita com tal revelação; nunca me tinha lembrado a possibilidade de tal acontecimento, allás bem natural...

Fui mãe; e, quando esperava uma ordem para recolher a casa, foi-me noticiado que o meu vil seductor, depois de ter suspendido a mensalidade com que contribua para a minha alimentação, tinha-se retirado para outra freguezia, de uma provincia muito distante, para onde conseguira a transferencia. Escusado seria dizer-te o triste epilogo de todo este drama; não é exigida uma grande perspicacia para o antesaber: escorçada por aquella que se me dizia tão dedicada emquanto lhe não faltou o subsidio com que custeava a minha alimentação, tive de ir bater a algumas portas, a implorar caridade, trabalho, o pão, enfim, de que necessitava para poder amamentar o fructo da vileza d'aquelle homem. Zombada por uns, socorrida com uns miserros vintens por outros, assim me fui debatendo na mais negra miseria durante algumas horrorosas semanas.

E, entretanto, a minha filhinha querida ia definhando, até que um dia me morreu nos braços, á mingua de leite nos meus peitos resequidos pela fome... Poucas mais palavras são precisas para concluir; bas-

ta dizer-te que a minha queda havia sido para nunca mais me levantar. Sacrificada ao egoismo de um homem, só encontrei outros que mais me impellam para o lamaçal immundo em que já me haviam lançado.

Por fim vim a dar nisto em que me encontraste... Olha; se tens alguma mulher que estremeças, guarda-a bem, sobretudo d'esses monstros que só pódem, contra todas as leis da Natureza, amar ou ser paes, commettendo um crime...



## Cocegas

### Irmãs da caridade—Um rapto em Portalegre

Lisboa, 12—Um telegramma recebido hoje de Castello de Vide diz ácerca da rapariga raptada pelas irmãs da caridade o seguinte:

«A rapariga raptada em Portalegre pelas irmãs da caridade foi, assim como as que a acompanhavam, detida no Entroncamento.

Regressaram hontem áquella cidade, depois de terem entrado no hospital de Castello de Vide, onde está a superiora geral, com 12 irmãs da caridade. Estas já ha tempo raptaram d'aquí outra rapariga.

Lisboa, 12—Chegou hoje de Portalegre, e deu entrada no Asilo da Infancia Desvalida, a rapariga raptada pelas irmãs da caridade. (O Primeiro de Janeiro n.º 163 de 13 de julho de 1910.)

Que santa missão a vossa, Rameiras de sachristia!  
Não ha prisão nem ha coça  
Que vos pague obra tão pia!

Qualquer besta reverenda,  
Que é preciso saclar,  
Tinha-vos feito encommenda  
D'uma virgem p'ra o altar...

Não darla tanto alarme,  
Al *manas*... da caridade,  
Se vós ousassels raptar me  
P'ra a vossa commuidade...

## Assumptos Religiosos

### O Padre Nosso

De todas as arengas inventadas para a parte da humanidade inconsciente se dirgir ao deus supplicando-lhe o seu perdão ou o seu auxillio, perdão ou auxillio que rarissimas vezes elle se digna lançar, com enfado, lá do seu assento ethereo, o *Padre Nosso* é de uma coherencia tal, está tão em harmonia

com os actos d'esse Deus, mostra tão claramente como elle corresponde aos nossos appellos, que, sem que os que todos os dias o baluciam o tenham percebido, elle põe numa simples phrase, a descoberto toda a mentira religiosa, mentindo descaradamente a esse deus que, segundo os seus ministros, tudo vê, tudo sabe e tudo ouve,

*Perdoae-nos Senhor as nossas dividas assim como nós perdoamos aos nossos devedores.*

Nada mais acertado! Nada mais verdadeiro!

Como é que nós perdoamos aos nossos devedores?—Exigindo-lhes á força, por meio do tribunal, o que nos devem, reduzindo-os, a maior parte das vezes, á miseria, fazendo-lhes ir á praça, para serem arrebatados por qualquer bojudo burguez, a casa em que vivem, o campo que os sustenta e até a propria camisa que vestem!

João Franco, com a lei das pequenas dividas, veio ajudar-nos a perdoar aos nossos devedores, dando-nos meios para exlirmos até um misero pataco que nos devam.

Ora deus, que é justicelro, nada mais faz que perdoar-nos como nós aos nossos devedores; assim como nós mandamos penhorar os bens a quem nos deve, elle manda-nos qualquer doença que nos faz pagar com o soffrimento ou com a vida. Faz o que lhe pedimos, isto é: que nos perdoe como nós aos nossos devedores.

Isso demonstra que deus é justicelro!

Parece que esta logica não admittre duvidas e se ha quem as tenha porá tambem em duvida a justiça de deus e crerá que elle não faz o que lhe pedimos, o que é uma blasphemia.

O exemplo é nosso. Sejamos amigos uns dos outros, não façamos pagar quem não possa, saibamos perdoar, e, dentro da justiça, deus talvez nos dê melhores perdões, como sejam a tranquillidade de consciencia e a satisfação de fazer bem.

## Vida Local

### A Praça

A nossa praça é linda e, ainda hoje, bastante espaçosa para as necessidades da população que serve.

Quando a atravessamos, olhamos sempre com veneração para as suas tillas, bemdizendo, umas vezes, os nomes dos seus

fundadores, revoltando-nos, outras vezes, contra os pessimos continuadores da sua grandiosa obra.

Foram estes quem impediu que ella não ficasse cercada de ruas pelos seus quatro lados; foram estes quem transportou para dentro dos seus muros, sentinas que, durante longos annos não conseguiram transportar; foram estes, finalmente, quem atezou a sua arborisação.

E que tem feito para contrapôr a tantos crimes? Nada! Absolutamente nada!

As fructas e hortaliças vendem-se de rastos; o peixe, ou pela mesma fórma d'aquellas, ou em mezas mal limpas e mal arejadas; a carne (que é sempre de autentica vacca) é vendida em talhos onde o acelo não prima.

Vassoura, é coisa que raras vezes a visita.

Agua, tem apenas a do seu chafariz, que desempenha as variadas funções de fonte publica; refrescoiro de hortaliças; banheira de creanças, pernas e caras de adultos; lavadouro de roupas, gamellas e cestos, etc., etc., etc.

Isto é um verdadeiro horror, que toda a gente contempla com a maior das indifferenças!

\* \*

Ponhamos de parte a ideia dos mercados especiaes para determinados generos, como sejam, peixe, carne, etc., como a hygiene hodierna aconselha, mas não permitamos que dentro do nosso mercado se bata sola e latas, nem se faça o estendal de louça barata que frequentemente ahi vemos.

Fixemos hora para que, diariamente, cesse o seu funcionamento, hora a que, tambem diariamente, possam nella entrar a agua e a vassoura em plena actividade.

Removamos as sentinas para fóra dos seus muros.

Abramos frestas nas barracas que ainda as não tenham, bastante grandes para que por ellas possa entrar abundancia de ar e luz, e procuremos dar a estas um aspecto mais limpo e de maior elegancia.

Culdemo, finalmente, do seu pavimento, adaptando-o para as frequentes lavagens que tem de soffrer.

Els, em linhas geraes, no que devem pensar aquelles que costumam esmolar que os destinos d'esta formosa villa lhes sejam confiados.

## Maximas sobre politica

A dignidade pessoal, em politica, é uma mentira convencional.

\*

Não creias nas promessas, nem nos odios dos politicos

\*

A politica vive de petas e os politicos de tretas.

\*

A politica é a melhor collatudo para dignidades avariadas.

\*

Esfarrapar a honra e a dignidade de um politico, é segura cartada para jogos futuros.

\*

Em politica não se sabe onde principia a dignidade, nem onde termina o brio.

\*

O calote, a batota e umas es-pargidelas de agua-benta, conduzem qualquer politico ao reino da gloria.

\*

Desconfiae de todos os politicos, principalmente dos que apelam para o nome de deus.

\*

A religião é uma arma para os politicos e um amparo para os batoteiros.

\*

Se algum dia te fizeres politico, declara antes que vaes alljar esse pesadissimo fardo a que se chama honra.

## Casos e Rumores

### Nova Farça

Em honra do coração de Jesus tivemos hypocrita festança com conferencias pelos Barnabés de Braga auxiliados pelos Barnabés de cá.

Houve communhão, em que muito filho de pae incognito e de mãe conhecida, papou pela primeira vez a hostia, e, para remate, uma procissão ou parodia a isso, que nos fez rir á farta.

E' só d'isto que se cuida!

E ainda ha quem diga que Barcellos não progride..!

Parabens aos Barnabés de cá.

\*

### Melhoramentos Locaes

Até que enfim se viu a utilidade da bella e grandiosa avenida do cemiterio. Uma miseravel tribu de zingaros, encantada com a formosura do local, estabeleceu alli acampamento.

Consta que a camara vae fazer mudar para alli a feira dos porcos, deixando o campo de D. Carlos livre para os retalhos.

\*

### Uma santa progressista

O «Commercio de Barcellos» jornal de doutrinas bacoquistas, queixa-se por terem deitado bombas á porta da capella da Senhora da Ponte e diz que pelo visto, ella tambem é progressista, o que muito os alegra.

Está claro que pelo visto os santos tem que seguir a politica do sachristão.

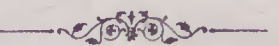
\*

### Desgraça

Estamos a ve-la quando cahir o paredão das Torres que se apresenta em optimas disposições para isso.

Poucas ou nenhuma coisa pedimos a Deus, mas agora vamos pedir-lhe para que quando isso succeda, esteja debaixo um camarista.

Vamos ver se elle nos attende...



## Considerações

### Liberdade e Lei

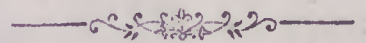
O novo governo promete ser liberal e para isso apresentará, diz-se, novas leis.

O povo quer liberdade e o governo dá-lhe leis!

Eu desejava que me dissessem o que entendem por liberdade?! Para mim são duas ideias completamente heterogeneas, as de liberdade e lei. Esta ha-de fatalmente restringir aquella.

O povo não sabe o que quer e só o ha-de saber quando cada individuo só por si se governar.

Então sim, então entenderet a liberdade.



## Archivo

A falta de espaço forçamos a adiarinos para o proximo numero a apreciação ás seguites obras que recebemos:

A Critica scientifica e Riqueza e felicidade, XII e XIII volumes da Bibliotheca de Educação Nacional; e a Carne de Jesus, edição da Livraria Central de Gomes de Carvalho.

Aos seus considerados editores apresentamos as nossas desculpas.